

## EM BUSCA DAS NAMORADAS DE FÉ

Liane Maria Braga da Silveira

### Apresentação

As histórias de relacionamentos entre “meninas” de classe média ou classe média alta, moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro, que, uma vez iniciadas nos bailes *funk*, se envolviam emocionalmente com “rapazes” — traficantes ou não —, moradores de favelas, tornaram-se públicas, com o sugestivo título “amor bandido”, em 2005, nas inúmeras notícias que pululavam nos jornais locais.<sup>1</sup>

Alguns “casos” culminavam com a permanência dessas jovens, por curto período,<sup>2</sup> na(s) favela(s). Em alguns relatos jornalísticos, chegava-se a mencionar o envolvimento dos jovens com o tráfico de drogas, mas nem sempre ficava claro se tal envolvimento era, de fato, procedente.<sup>3</sup> Os textos da grande imprensa, todavia, diferenciavam-se das histórias de jovens originárias da minha própria rede de relações, visto que elas, apesar da aparência que ostentavam, surpreendiam e suscitavam indagações sobre o que estaria latente nesses depoimentos que assinalam diferentes representações da distância social.

Os contrastes entre os casos mantidos em âmbito privado e aqueles designados pela mídia como “amor bandido” repercutem a hipótese defendida nesse estudo. O acesso da “opinião pública” aos fatos suscita, inevitavelmente, reações. As histórias publicizadas tornavam-se alvos de acusação e estigma. Tratava-se, portanto, de um fenômeno antropológico de mídia, o qual acusa e expõe a tensão presente nos jogos entre dois interesses contrastantes: o ocultamento e a revelação.<sup>4</sup>

A princípio, o amor é o motivo pelo qual as “adolescentes” se lançam às experiências ora em questão. Embora seja uma conclusão um tanto prematura, pude observar que o “amor” se imiscui tanto nos depoimentos dos envolvidos na questão como nos discursos midiáticos. A sexualidade assume o primeiro plano, em função da ênfase dada aos bailes *funk* e à indumentária apropriada aos bailes, nos quais “tchutchucas”, “cachorras” — preparadas ou não — e “patricinhas” disputam os “rapazes”, “negros”, supostos “traficantes”, armados. Acerca desses termos que nomeiam as diversas figuras presentes nas experiências analisadas, faz-se necessário um preâmbulo.

- 
- 1 Este artigo é uma versão resumida do trabalho desenvolvido em minha dissertação de mestrado defendida no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ sob a orientação do professor Gilberto Velho (Silveira, 2007).
  - 2 É difícil precisar o que constitui um “curto período” para as pessoas investigadas. Fundamentei-me nas entrevistas com os familiares das jovens, nas informações colhidas nas reportagens publicadas na mídia e nos arquivos do conselho tutelar — que indicam um período de três a sete dias de permanência destas jovens nas favelas.
  - 3 Entendo por “envolvimento”, a atuação em alguma das atividades ligadas ao tráfico de drogas.
  - 4 Refiro-me à discussão de Simmel sobre os sentimentos ambíguos que o segredo desperta nos homens (1906: 466).

Parto da premissa que os diversos termos presentes ao longo desse artigo constituem um vasto leque de categorias de classificação social e são fundamentais para a adequada compreensão do fenômeno aqui estudado. Como afirma Crapanzano, “a classificação é um pré-requisito para toda interpretação e — o que é de maior importância — suas categorias são usadas retoricamente, e não apenas semanticamente, em qualquer interpretação” (2002: 443). Desse modo, “meninas”, “jovens”, “garotas”, “adolescentes”, “tchutchucas”, “patricinhas”, “rapazes”, “bandidos”, “traficantes”, “namoradas de fé” são termos acionados em diferentes contextos e discursos, organizando modos distintos de identificação. A plasticidade dessas categorias é marcante quando se analisam os diferentes sentidos em jogo em função dos diversos contextos discursivos.

A categoria “namorada de fé” — segundo as entrevistadas Paola e Cláudia — refere-se a uma jovem de classe média, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, que, em virtude da hora marcada para chegar à casa de seus pais, teria prioridade no “encontro” com o suposto traficante. Por sua vez, o traficante, ao assim denominá-la, não só demarca o lugar dessa jovem no espaço sociodiscursivo que o seu poder estabelece, como (re)produz uma rede de relações de trocas sociais entre os que se submetem ao seu mando. As demais jovens de classe média, moradoras da Zona Sul, que também “ficavam” com os traficantes, referiam-se a si próprias como “meninas”.

Os termos usados para o gênero masculino assinalam, por sua vez, o aspecto da maioridade, sendo revelados os nomes, as fotos e idades, que podem ser acionados como categorias acusatórias. Sendo assim, costuma-se afirmar o envolvimento emocional da jovem com um “rapaz”, “traficante”, “bandido”, ou ainda, com “rapaz suspeito de envolvimento com o tráfico”. À maioridade dos jovens seguem-se a acusação de “aliciamento de menores para o tráfico ou prostituição” e a autuação por “corrupção de menores”.

Diversos termos surgiram ao longo das divulgações realizadas pela imprensa relativas ao tema em questão. Seus diferentes significados vinculam-se claramente aos contextos de enunciação: àquele que enunciou e àquele para quem o enunciado foi emitido. Dependendo da variável que esteja em primeiro plano, ora pode figurar como categoria acusatória; ora como categoria de distinção. Dentre os termos aqui listados, é provável que “menina” e “garota” sejam os mais ambíguos e, portanto, os mais manipuláveis. Tal manipulação depende, fortemente, do referencial de enunciação e, com base nas idéias desenvolvidas por Crapanzano, sugiro que os termos devem ser acionados ora em sua dimensão semântico-referencial, ora em sua dimensão pragmática.<sup>5</sup>

Destaca-se ainda que as experiências aqui descritas compõem-se de vários aspectos e confirmam a “existência e a percepção de diferentes visões de mundo e

---

5 No texto “Estilos de interpretação e a retórica de categorias sociais”, Crapanzano assinala que “qualquer sistema de classificação tem pelo menos duas dimensões importantes. A primeira, chamo de [...] semântico-referencial. [...] a segunda dimensão de um sistema classificatório, [...] mais sutil — mais difícil de determinar com precisão. Refiro-me à sua dimensão pragmática: à maneira como as categorias de classificação suscitam, proclamam e até criam seu contexto de relevância, incluindo o próprio sistema classificatório” (2002: 444).

estilos de vida” como uma importante característica da sociedade moderno-contemporânea, como apontado por Gilberto Velho (2003 [1994]: 97). Alguns dentre eles, no entanto, tiveram maior destaque, como as relações entre gêneros, as representações da distância social e as noções de desvio presentes nos discursos acusatórios. Questões trazidas pelo “momento sociológico” que a mídia proporcionava nos levaram a indagar por que, afinal, essas experiências eram valorizadas. Ou, em outras palavras, o que é valorizado pela mídia e quais seus efeitos na sociedade?

Subjacente ao fenômeno antropológico de mídia, o envolvimento emocional das jovens, mantido no anonimato ou divulgado pela imprensa, constitui verdadeiro “drama social”. Tal conceito, desenvolvido por Turner, pressupõe, no conflito, a revelação proeminente de aspectos fundamentais da sociedade, em geral obscurecidos por “costumes e hábitos cotidianos”.<sup>6</sup> A fim de compreender melhor a articulação dos elementos que constituem esse “drama”, realizei um trabalho de campo diversificado, que compreendeu a consulta aos arquivos do Conselho Tutelar<sup>7</sup> da Zona Sul; a realização de entrevistas com jovens que vivenciaram tais experiências e com seus familiares, com estudantes do sexo feminino (de colégios públicos e privados) com idades entre 14 e 18 anos; e, por último, a análise das matérias jornalísticas sobre o tema em questão.

Privilegiou-se a análise resultante das entrevistas realizadas com jovens e familiares que vivenciaram tais experiências, descritas nas duas seções que compõem o texto e que passo a descrever a seguir. Na primeira seção do artigo — “Mulher é assim...” —, apresento as primeiras aproximações exploratórias do tema, realizadas através de entrevistas com duas jovens que compartilharam as experiências aqui analisadas, em 1995/1996. Procurei, ainda, contrastar tais relatos com o discurso produzido pela mídia. A categoria “namoradas de fé” surge nessas entrevistas e, a partir dela, busquei desenvolver o meu trabalho de campo com o objetivo de compreender a lógica subjacente a essas experiências.

Na segunda seção do artigo — “Namorada do dono é rainha” — dedico-me, especialmente, às entrevistas realizadas com os familiares de Sofia, uma das “meninas” protagonistas desse estudo.

### Mulher é assim...

Cláudia e Paola em 1996 — na época com 14/15 anos — costumavam freqüentar, durante os finais de semana, os bailes *funk* numa favela da Zona Sul. Tudo teria começado de uma maneira um tanto banal, segundo seu próprio relato. E, afora o momento propriamente de entrada neste universo, continuou num ritmo constante até ao evento que culminaria com o fim dessa experiência. Enciumadas, as jovens do “morro” ameaçaram — com giletes — as jovens do “asfalto”, numa disputa

6 Para Turner, os *dramas sociais* são unidades do processo desarmônico, levando a situações de conflito (1974: 41).

7 O Conselho Tutelar é um órgão autônomo — vinculado ao Município —, não jurisdicional, que visa garantir os direitos da criança e do adolescente.

pelos namorados comuns/ compartilhados.<sup>8</sup> Somavam-se a este evento os tiroteios que, àquela altura, se haviam intensificado durante os bailes.

Paola faz parte da minha rede social, sou amiga de seu pai e, portanto, tenho acompanhado algumas passagens de suas experiências. Aos 16 anos, viveu uma história marcante em sua trajetória de vida, e uma história “louca”, nos termos das pessoas que narram ou comentam experiências parecidas.

A meu ver, o que mais intrigava a todos era a contradição entre a formação de Paola e sua opção preferencial de lazer, os bailes *funk* — sobretudo aqueles promovidos em favelas. A “impressão” que ela criava com seu jeito tranquilo, o sorriso tímido e o uso de roupas inexpressivas — constituindo uma “apresentação de si”, nos termos de Goffman — eram incompatíveis com o “cenário”,<sup>9</sup> por demais erotizado, montado pelos bailes *funk*.

De todo modo, essas aparentes incoerências apontam não somente para aspectos envolvidos na dinâmica de uma sociedade complexa, como também — e mais especificamente — para a dificuldade que enfrentamos ao tentar definir o jovem contemporâneo. Assim, traremos à baila relatos girando em torno de uma mesma temática: as relações entre gêneros de distintas camadas sociais, performatizadas nos bailes *funk* das favelas cariocas. Ao definir esse tema, realizo, na verdade, um grande esforço para ater-me aos principais aspectos destacados no fenômeno em estudo, pois vários seriam os fatores a constituir pontes vinculando jovens pertencentes a segmentos sociais tão distintos.

Os bailes *funk* são freqüentemente mencionados como o “ponto de encontro de dois mundos”.<sup>10</sup> As drogas também constituem outro fator recorrentemente apontado como um importante desencadeador dessas relações. A esses pontos de confluência entre “dois mundos” poderíamos acrescentar outros tantos, como o “amor”, a “paixão”, o “desejo”, a “atração” etc.; sentimentos que, por vezes, chegam mesmo a ser verbalizados, como pondera Cláudia:

Foi o amor que me fez continuar indo e adentrar mais nesse mundo. [...] Tinha um garoto que eu gostava, que morava lá; eu queria ver ele. Ia pra lá. Ele não desce, a gente sobe [risos].

Anália Torres observa a tematização do sentimento amoroso em obras de diversos cientistas sociais e afirma que esse novo objeto de análise é um “excelente revelador do funcionamento das sociedades contemporâneas, nas suas contradições e paradoxos” (2004: 16). A autora nos apresenta em seu texto as principais análises sociológicas acerca das relações afetivas e afirma que dois temas perpassam todos esses estudos: a “relação entre modernidade e amor romântico, [...] e os efeitos da chamada questão feminina na vivência do sentimento amoroso” (*idem*: 35).

8 Os termos “morro” e “asfalto” são mencionados pelas entrevistadas. Cito, a este respeito, uma passagem da entrevista em que Cláudia destaca que, para “os caras de lá”, elas eram “meninhas do asfalto”.

9 Ver Erving Goffman (1975).

10 Essa idéia foi mencionada pelo professor Gilberto Velho em sala de aula.

No caso das “meninas” aqui estudadas, as dimensões do “amor” e das “relações afetivo-sexuais” eram dissolvidas em meio a histórias que se revelariam traumáticas para muitas famílias e mesmo para as jovens que namoraram traficantes ou moradores de favelas. Apesar da heterogeneidade das histórias, a jovem cuja experiência afetivo-sexual continha componentes de um “amor bandido” tinha o seu “comportamento” traduzido em “identidade” desviante.

Paola, que começou a frequentar os bailes da favela num momento posterior ao de Cláudia, via o baile *funk* como mais uma forma de sociabilidade — tal como ela nos relata:

Pra gente, é como se eu saísse para ir tomar uma cerveja num bar com os meus amigos. Só que eu saía pra tomar uma cerveja no bar, lá [acentuação enfática]. [...] No início, aquelas coisas rolando eram exóticas, depois foi se tornando normal.

Em outros segmentos sociais e também na mídia, tais experiências foram percebidas de formas distintas, reveladas pela ênfase do uso de categorias acusatórias. Em abril de 2005, as primeiras notícias a respeito desses “casos” começaram a circular na mídia com manchetes do tipo: “Polícia localiza outra adolescente de classe média que fugiu para favela”; “Amores bandidos na vida de 20 jovens cariocas”; “Polícia sobe morros atrás de jovens aliciadas”. Tais matérias relatavam “casos” de “aliciamento” de jovens de classe média que, a partir da frequência a bailes *funk* nas favelas, passariam a “viver no morro e trocar suas famílias pelas drogas e pela paixão por traficantes do Turano” (Rio Comprido). Uma dessas reportagens é dramaticamente iniciada com o seguinte relato: “‘O que estou fazendo é perigoso. Não quero que vocês se envolvam. Se me encontrarem morta, joguem as minhas cinzas na água’, escreveu X., de 15 anos, numa carta que deixou para a mãe antes de ir a um baile *funk* na Ladeira dos Tabajaras”.<sup>11</sup>

A contribuição da mídia na produção desse “fenômeno” certamente exigiria uma análise mais aprofundada. Os confrontos entre os relatos das entrevistas, as histórias contadas fora da ambiência de pesquisa, os registros no Conselho Tutelar, as matérias jornalísticas impressas, enfim, os diferentes discursos sobre o mesmo tema não permitem seu enquadramento num único “Dossiê amor bandido”,<sup>12</sup> segundo o qual “meninas” são “aliciadas”, ou “patricinhas”, socialmente “desviadas”. Baseio-me na perspectiva de Gilberto Velho, que compreende o “desviante” como um “indivíduo que não está fora de sua cultura mas que faz uma “leitura” divergente” (2003 [1985]: 27). Sozinho ou num pequeno grupo, ele não é sempre desviante. O autor assinala que existirão “áreas de comportamento” nas quais esse indivíduo “agirá como qualquer cidadão ‘normal’” (*idem, ibidem*).

11 Situada em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

12 O “Dossiê amor bandido” foi elaborado pelo jornal *O Dia*, a partir das primeiras histórias surgidas na mídia a respeito de “meninas” que namoraram traficantes. Tal dossiê reunia não somente as histórias atuais como realizava também uma retrospectiva das anteriores (ocorridas aproximadamente dez anos antes).

Entretanto, o que essas histórias nos revelam, além de um espetáculo midiático, é a maneira pela qual essas jovens percorrem uma trajetória de vida, evidenciando-nos — através de suas experiências — aspectos que podem ser arrolados na compreensão que temos da constituição do sujeito moderno. Quando as pessoas perguntam o que a teria encantado na favela, Cláudia costuma responder:

Lógico que a diferença, a curiosidade pela diferença, [por] uma outra realidade, outras pessoas, que é uma coisa curiosa. Mas o que me encantou muito, foi [...] quando eu fui chegando, fui vendo a quadra [...] Tava bombando, era o evento! Aí aquela massa pulando. Eu olhei aquilo ali — já gostava de *funk* na época — cara, eu achei aquilo ali o máximo! Realmente, na época, no dia, foi maravilhoso, foi ótimo!

Ambas as jovens moravam num bairro nobre da Zona Sul. Os pais de Cláudia trabalhavam, na época, com produção de cinema; o pai de Paola é médico e pesquisador. Paola começou a ir aos bailes porque uma amiga os freqüentava; Cláudia, por sua vez, começou a ir aos bailes porque a sua irmã mais velha costumava ir ao baile do Chapéu Mangueira, no Leme.

[...] Era o mais bombado, tinha todos os playboyzinhos da Zona Sul.

O Canecão?<sup>13</sup> Não era a nossa praia; a gente era favela mesmo.

Se por um lado os bailes do Canecão, ou até mesmo aqueles do Chapéu Mangueira começavam a perder o “tônus” e se tornavam demasiadamente fracos, “o seu valor enquanto fato de lazer” diminuía (Elias e Dunning, 1992: 137). Por outro lado, a narrativa sobre o baile *funk* na favela recebe um tom crescente e entusiasmado, em que jovens — protagonistas das cenas de euforia — vivenciam “uma forma de tensão-resolução”, nos moldes de espetáculos de música que reúnem uma multidão de pessoas (*idem, ibidem*).

Cláudia cristalizou afetivamente esta memória do momento iniciático e, até hoje, a despeito dos comentários críticos dos amigos, revela gostar de *funk*, de seu ritmo, da batida forte, da “massa” de gente e, sobretudo, da “velha guarda do *funk*”, cujas letras pregavam liberdade ou paz.

São muitas as polêmicas em torno do *funk*, oscilando entre a demonização e a exaltação. Interessam-me, sobretudo, as observações que ajudariam a compreender os distintos estilos de masculinidade produzidos, reproduzidos — e talvez até mesmo difundidos entre diferentes segmentos sociais. E, ainda, seu impacto sobre as escolhas femininas de parceiros para a vivência de experiências afetivo-sexuais.

Já em 1988, os bailes *funk* realizados nos subúrbios e periferias do Rio de Janeiro costumavam reunir centenas de jovens de baixa renda, e constituíam, até então, um fenômeno relativamente desconhecido.<sup>14</sup> Uma visão mais atualizada deixa entrever

13 Casa de espetáculos situada na Zona Sul do Rio de Janeiro.

14 A este respeito, ver a dissertação de mestrado de Vianna (1988).

as repercussões e a difusão do ritmo *funk* em diferentes segmentos sociais. Hermano Vianna tem sido uma referência constante na divulgação de imagens diversas do “mundo” *funk*, revertendo a primazia que se costuma dar aos discursos acusatórios. Para Medeiros, o *funk* “atravessou fronteiras sociais e geográficas e é hoje idolatrado no exterior como uma inovadora e revolucionária música eletrônica brasileira” (2006: 11).

As experiências de Cláudia e Paola ocorreram em 1995. Neste momento, os bailes *funk* deixavam de ser exclusivos de jovens de baixa renda. Tal transformação evidentemente não se dá sem conflitos ou contradições (Souto, 1997: 60). Cecchetto, em um estudo etnográfico sobre as galeras *funk* cariocas, analisa os chamados “bailes de corredor”, nos quais há um “confronto violento entre turmas de jovens do sexo masculino” (1999: 143). Para poderem lutar, esses jovens têm de reunir atributos corporais que corroborem a “disposição para a briga”. Tais elementos mostram-se importantes para a produção e reprodução de um tipo de masculinidade denominada “*ethos* guerreiro”, termo que a autora (*idem, ibidem*) toma emprestado de Norbert Elias.

Num trabalho posterior, Cecchetto analisa os tipos hegemônicos de masculinidade e seus vínculos com a violência (2004: 38). Evidencia-se, a partir de suas análises, que a repercussão dos atos violentos acaba imprimindo maior visibilidade aos bailes *funk*, embora a maneira como se exerce essa violência em tais eventos tenha sofrido, gradualmente, transformações. Aparentemente, as brigas entre grupos no interior do baile deslocaram-se para uma esfera mais ampla — a dos líderes do narcotráfico — que coíbe os embates, preservando uma certa “ordem” peculiar ao baile (Souto, 1997: 72).

A expansão social e geográfica do ritmo *funk* e de seus bailes evidencia-se em esferas diversas. Seu consumo — mas também sua produção — observa-se em meio à juventude das mais diversas camadas sociais, não se restringindo à sociabilidade dos bailes *funk*, de forma alguma, à área dos eventos.<sup>15</sup>

Cláudia e Paola, minhas entrevistadas, configuram apenas alguns exemplos da transformação ocorrida neste universo. Elas começaram a freqüentar a favela, inicialmente, nos finais de semana. Depois, em função dos laços de amizade lá estabelecidos, foram paulatinamente inserindo tal hábito em seu cotidiano. A esse respeito, Cláudia explica que:

[...] A gente passou a freqüentar mais... A gente ia para o baile *funk* — eu, a minha irmã e as minhas amigas [...] Foi decorrendo [sic] a coisa, a gente foi conhecendo as pessoas; eu fiquei com um menino de lá. Eu já ia lá porque queria ficar com o menino, de novo. Esse menino não era do movimento,<sup>16</sup> não. E a minha amiga começou a ficar com outro menino. Aí, começou a virar nosso meio [...] Fiz amizade... O negócio foi desenvolvendo tanto, que a gente ia lá dia de semana; tinha amigos lá, tinha uma amiga nossa que morava lá [...].

15 Sobre este tema, ver Piccolo (2007).

16 Ser do “movimento” significa estar vinculado ao tráfico de drogas.

Despertam a atenção nos discursos dessas jovens os elementos que apontam para sua entrada na vivência afetivo-sexual, a qual parece estar vinculada ao “início da vida”. A afirmação de Cláudia corrobora essa dimensão:

Eu ia lá para ouvir a música e para ver os gatinhos. Essa coisa normal de quem está começando/ iniciando a vida, aí.

O gravador desligado incentivou Paola a justificar sua escolha. Ela afirmou que uma jovem “adolescente” — termo empregado como sinônimo de insegurança e incerteza — realizaria plenamente sua feminilidade ao deparar-se com um “homem” que a chama “princesa”.

Por outro lado, narrar experiências passadas, contundentes, propiciou a releitura das histórias vivenciadas. Paola e Cláudia consideram ter vivido um momento de “alienação” — enunciado até mesmo com certa irritação — durante o qual os projetos individuais teriam sido suspensos, e as famílias teriam assumido posição periférica, sobretudo por não aceitarem as idas das jovens à favela. Desse modo, a memória também teve a função de articular passado, presente e ainda orientar projetos para o futuro.<sup>17</sup> Durante o intercurso da conversa com as jovens, percebia-as atônitas ao narrar eventos do passado, reformulando idéias e fazendo “promessas” que as comprometiam com os “projetos” futuros, ou seja, em pleno exercício da construção de si mesmas, como sujeitos, individualizando-se:

[...] Hoje, eu não subo mais no morro.

Em seu relato, Cláudia busca a razão que a teria levado a viver uma história por ela tida, hoje, como “alienante”. Ela atribui ao Plano Collor<sup>18</sup> o fato de seus pais — que sempre trabalharam com cinema — terem ficado numa difícil situação financeira. Cláudia e o irmão tiveram que se transferir para um colégio público. A partir desse momento, os filhos dos porteiros passaram a integrar seu “mundo”, despertando nos jovens a curiosidade a respeito daquela realidade tão distinta. Segundo ela, seu irmão, que só falava sobre armas nessa nova situação, chegou mesmo a sugerir aos pais a mudança para a favela, antes de ser finalmente afastado da escola em que estudava.

Cláudia e Paola enfatizam que, naquele momento, a experiência vivida não era percebida como “anormal”, uma vez que se tornara parte da vida delas. Ao mesmo tempo, elas não se davam conta do risco envolvido nas experiências que vivenciavam, porque, para as duas, tais transformações se converteram em sua própria realidade. Mas será que elas percebiam diferenças nas novas amizades?

17 A este respeito, ver Gilberto Velho (2003 [1994]).

18 O Plano Collor foi um conjunto de reformas econômicas e planos, criado com o objetivo de estabilizar a inflação, durante a presidência de Fernando Collor de Mello no período entre 1990 e 1992.



Você não liga se ela tem menos dinheiro ou menos cultura. Eu tava igual, ali com elas. Mas essa diferença existe [...] de idéias, de pensamento, de como é o mundo, de perspectiva de vida. Isso faz a diferença nas pessoas.

Embora não percebessem diferenças entre si e os jovens da favela que costumavam frequentar; estes últimos, sim, operavam distinções significativas. Para os jovens do “morro”, elas eram vistas como “branquinhas”, meninas pelas quais manifestavam uma forte atração física.

Era muito raro que a menção às relações afetivo-sexuais entre mulheres “brancas” e homens “negros” surgisse espontaneamente durante o trabalho de campo. Ainda que os enunciados das entrevistas não mencionassem as discussões relativas à cor dos namorados das “meninas”, podemos entrever o caráter subjacente dessa questão nas experiências analisadas nesse estudo. À pergunta recorrente: armas ou drogas, devemos acrescentar a suposta atração ou “desejo” pelo homem “negro”.

Laura Moutinho, em seu estudo comparativo sobre relações “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul, analisa as “razões sociais, afetivas e sexuais que norteiam os relacionamentos afetivo-sexuais entre ‘negros’ e ‘brancos’”. Moutinho coloca em questão se haveria, de fato, um interesse utilitário nessas relações,<sup>19</sup> o que torna suas análises interessantes para a reflexão das relações entre as “meninas” e os traficantes. Conforme afirma a autora:

A relação homem “negro” e mulher “branca” se revela, ainda, como uma relação metonímica — tal como construído pela cosmologia católica. A mulher “branca”, entretanto, não aparece apenas racionalmente e à mercê do desejo masculino, mas como ser desejante. Nesse aspecto, vemos se desenhar um interessante caleidoscópio quando justapomos “cor” e gênero na esfera erótica: se o gênero masculino engloba o feminino, a “raça branca” engloba a “negra”; de modo que, no eixo operado pela categoria gênero, o homem “negro” é superior, e, no eixo “racial”, a mulher “branca” exprime a sua superioridade (Moutinho, 2004: 360).

Nas primeiras entrevistas que realizei, esta pergunta não foi colocada para as entrevistadas. A questão sobre a identidade de cor seria formulada posteriormente — e, sobretudo, para aquelas pessoas que tinham uma história semelhante para relatar. Longe do gravador, as pessoas costumavam ser mais espontâneas. Reconheço, contudo, que o temor das imputações de preconceito pode ter inibido alguns desses relatos.

As fotos dos jovens namorados das “meninas” publicadas nos jornais eram reveladoras por si sós. A maioria delas retratava homens “negros” ou “pardos”. Para analisar até que ponto a identidade de cor traduz-se, de fato, num elemento que mais dissolve as supostas fronteiras interétnicas do que as reforça, seriam necessários, entretanto, elementos mais substantivos.

---

19 Moutinho (2004: 323).

Por outro lado, as próprias jovens reconhecem que os “bandidos exercem uma fascinação”. Segundo as entrevistadas, ser “bandido” na favela é uma forma de distinção e reconhecimento. Portanto, tal “atividade” era para elas algo mais “naturalizado”, deixando em Paola a impressão de que:

[...] Os bandidos estão mais perigosos do que antes. Eles não eram tão maus assim...

O distanciamento mostrou-lhes que eles “matavam, roubavam como qualquer bandido. É normal...” Com relação a essa questão, Gilberto Velho afirma que “o acesso à droga e à arma é a base desse estilo de vida, que torna possível usufruir uma pauta de bens de consumo e um prestígio que facilita, entre outras coisas, o sucesso junto às mulheres e o temor entre os homens” (Velho e Alvito, 1996: 20). Mas afinal, o que nesse “estilo de vida” fascina as jovens?

Fascínio pelo homem que porta armas ou pelo homem negro são conjecturas que disputam as explicações para o namoro das jovens com traficantes. Dentre as duas, no entanto, a atração por armas é mais facilmente enunciada, em algumas falas chegando-se mesmo a afirmar que “as ‘patricinhas’ chegam [nos bailes *funk*] procurando homens com armas”.

Paola e Cláudia intentam delinear ainda melhor esse estilo de masculinidade que afirmam lhes causar verdadeiro fascínio:

... Os meninos lá, não são nem um pouco fiéis... É comum, lá, ter várias mulheres. Todas elas sabem e elas aceitam... A namorada do Paulo, ela tinha hora para entrar [em casa]; os pais dela tinham várias regras, e várias meninas [...] Normalmente essas meninas são as namoradas, as namoradas de fé... E a gente chegava lá depois que elas já tinham entrado, ou então elas já estavam lá, mas aí eles só encontravam a gente depois [risos desconcertados]. Era meio maluquice, é... [pausa] O que passava na nossa cabeça que a gente não ligava pra isso?

Todos sabiam a quem as “mulheres pertenciam”. Algumas vezes aconteciam brigas. Paola se pergunta se o ingresso desses rapazes no “movimento” não estaria vinculado à “fascinação que eles exercem sobre as mulheres”. O que poderia revelar o desejo em buscar o prazer pela via do perigo. Mas ela própria se adianta em avisar que não se sentiu atraída porque o “cara era bandido”. Cláudia, por sua vez, pondera:

Isso aí, é que a gente não sabe. Nunca me disse: ‘vou ficar porque ele é bandido’. É inconsciente. Você olha, vê alguma coisa diferente naquele cara.

Tem uma amiga que ficou uma semana, lá. Ela namorava um bandido lá do [...] Depois ela namorou um cara da Rocinha, mas, hoje, ela voltou ao normal.

Normal e anormal são outras categorias frequentemente enunciadas não somente pelas “meninas”, como também pelas pessoas que narram essas histórias — em alguns casos, tais narradores chegam mesmo a finalizar a descrição afirmando que

“agora ela voltou ao normal”, como se, num momento anterior, a pessoa tivesse saído, de fato, do estado normal de consciência.

Se no “morro”, as “patricinhas” eram potencialmente as “namoradas de fé”, no “asfalto”, a mídia as descreve de um modo inteiramente outro, relatando a trajetória da “boa moça”<sup>20</sup> que passa a vender drogas para outras “patricinhas”. O jornal *O Dia* estampava em suas manchetes: “Ricos, bonitos, educados, mas traficantes”, e descreve a história de uma estudante de agronomia de 23 anos que, apesar das “boas oportunidades que teve na vida”, teria optado por “trilhar o caminho das drogas e do crime, se entregando a um ‘amor bandido’ pelo traficante Pingo” — ex-faxineiro do prédio da estudante. A estudante — “freqüentadora assídua de bailes do Morro da Providência e Favela de Manguinhos” — supostamente ajudaria seu “amor bandido” a escolher drogas, e repassá-las para suas amigas “patricinhas” (*O Dia*, 2/02/2006: 16).

Em Abril de 2005, numa reportagem do jornal *O Globo*, um delegado afirmou ter “feito buscas no morro, pois recebeu informações de que mais quatro jovens de classe média estariam vivendo com bandidos”.<sup>21</sup> Esta mesma matéria sugere que tais jovens seriam viciadas que, “sem dinheiro para ter a droga, oferecem o corpo aos traficantes; a jovem em conflito com os pais se identifica com a imagem de rebeldia do *funk*”. Cláudia e Paola consideram essa percepção “estranha” à experiência que viveram.

Nunca pensei em sair de casa para morar lá.

Eram pessoas que não tinham a família que a gente tinha. O estudo que a gente tinha. Cíntia parou de estudar na 5.<sup>a</sup> série. Ela não tinha a nossa estrutura familiar.

Para as entrevistadas, essas experiências “amorosas” são singulares ao universo feminino, lembrando, ainda, que “não tem mulher bandida”. Mas e se fosse o contrário: um jovem — “mauricinho” — do “asfalto” namorando uma jovem — “tchutchuca” — do “morro”? A maneira como Cláudia e Paola compreendem as diferentes atitudes observadas nessas experiências revela uma suposta preponderância da diferença de gênero sobre a diferença de classes sociais.

Se fosse um cara, ele tirava a menina do morro. Ele não ia morar no morro. Provavelmente?!

Mulher é assim...

Ainda que tais afirmações possam sugerir uma representação do gênero feminino menos atuante — percepção reforçada pela idéia de “aliciamento” presente nas reportagens publicadas na mídia impressa, o fato é que há uma escolha em ser “assim”

20 Pereira (2003:65).

21 *O Globo*, Caderno Rio, 24/04/2005.

que dilui essa representação da suposta passividade. Cláudia e Paola estavam atuando em meio a um campo de possibilidades em que a “negociação da realidade” com outros atores, indivíduos ou coletivos, era constantemente atualizada, o que fazia que os códigos fossem cada vez mais compartilhados (G. Velho, 2003 [1994]: 103).

Após as entrevistas com Cláudia e Paola, tentei vários outros contatos com pessoas que haviam passado por experiências parecidas, ou com pessoas próximas a elas. Ocorre que as histórias acabaram convertendo-se em “casos”, e o tom policial dificultava os possíveis contatos.

À procura de mais dados empíricos sobre o tema, enviei uma mensagem eletrônica para o jornalista que havia assinado uma matéria impressa do jornal *Extra*, com o seguinte título: “Escortada de volta para casa: jovem que fugiu na véspera do Natal para se encontrar com namorado que seria traficante é resgatada em morro”.<sup>22</sup> Tal jornalista intermediaria meu contato com o pai de Sofia — Ernesto que, por sua vez, me apresentou a Carmem, irmã de Sofia cuja história descrevo na seção seguinte.

### Namorada do dono é rainha

Em busca de “meninas” que pudessem conceder-me uma entrevista e confrontada à menoridade dessas jovens, acabei em contato com suas famílias. Antes de tudo, seria preciso obter a autorização dos pais para uma possível entrevista com as jovens. As “meninas” eram, em geral, afastadas da cidade, ou não queriam mais falar sobre o assunto. As famílias, por sua vez, mostravam-se bastante disponíveis para as entrevistas.<sup>23</sup> Alguns relatos reproduzidos nos jornais deixavam entrever que a decisão dos pais de procurar o delegado encarregado desses “casos” tinha a ver com sua percepção dos depoimentos como denúncias. Tais relatos costumavam aprovar a repercussão que o “Dossiê amor bandido” vinha causando na opinião pública.

Evidencia-se, nas entrevistas, o risco envolvido nessas experiências. As jovens vivenciaram cenas violentas, presenciaram e fugiram de tiroteios, e suas famílias sofreram ameaças. Porque intensas, é provável que tais cenas preponderem em minha análise. Sem afastar esse aspecto, esforço-me, contudo, para analisar que elementos subjacentes às justificativas que se apóiam no aspecto da violência.

Chamo a atenção ainda para outro lado da questão. A decisão de entrevistar os familiares também estava associada à vontade de investigar as hipóteses construídas — pela mídia, por familiares e por amigos — em torno da família de uma “menina de classe média”, freqüentadora de bailes *funk* nas favelas e namorada de “traficantes”. Nas conversas informais e em algumas matérias impressas — sobretudo naquelas com depoimentos de cunho psicológico —, a primeira hipótese veiculada apontava

22 Jornal *Extra*, 27/12/05: 10.

23 Refiro-me às famílias contactadas para esse estudo. Duas mães recusaram-se a conceder-me entrevista. Em contato telefônico, uma delas justificou-se da seguinte forma: “Não quero mais falar no assunto”.

para uma família “desestruturada”, para a “falta de limites dos pais”. Mas, afinal, o que é uma família “estruturada”?

Tanto nas conversas quanto nas entrevistas, eu procurava buscar elementos que revelassem as diferentes representações acerca da família. Falar em família “estruturada” nos remete diretamente à discussão sobre “normalidade” e “anormalidade”, presente na seção anterior. O “desviante secreto”<sup>24</sup> faria parte de uma família “estruturada” por preservar o sigilo com relação a seu comportamento? A publicação engendraria a rotulação não somente do indivíduo, mas também a de sua família? — definida, a partir de então, como “desestruturada”?

Tais questões constituem uma ínfima fração das discussões acerca da família, suscitadas pelo enamoramento das “meninas” e, do mesmo modo, remetem-nos a outro aspecto presente nessas experiências que é “[...] a tensão entre individualizar-se e incorporar-se ou ser englobado” (G. Velho, 2002: 32). Mudar ou permanecer o mesmo.

Em *Subjetividade e Sociedade*, Gilberto Velho analisa como essas tensões se apresentam na experiência social, focalizando um grupo marcado pela vivência de vinte anos de regime militar. No texto em questão, o pesquisador formula a questão subsequente: “O que é comum a uma geração e a um grupo? Como se pode ser sujeito no mundo?” (*idem, ibid.*: 22).

Valho-me das reflexões de Gilberto Velho para interpretar situações marcadamente distintas daquelas que o pesquisador analisava em seu texto. Um ponto de aproximação possível dar-se-ia na percepção das histórias vivenciadas como um dos primeiros ensaios dessa tensão entre o “subjetivo” e o “social”, nas trajetórias biográficas das “meninas” investigadas. Abstendo-me de um juízo de valor, essas primeiras experiências de “paixão”, de “amor”, ou mesmo de “ficar” — com performances mais bem sucedidas ou “desviantes”, conforme os casos — transformam a “menina” em uma “estranha familiar” que, portando essa nova “máscara” social, passa a coabitar com os familiares na mesma residência em que antes habitava — embora eles não mais a reconheçam. Em algumas passagens da entrevista que me concedeu, Carmem — irmã de Sofia — manifesta esse estranhamento:<sup>25</sup>

Eu não conheço mais essa menina. Pra mim, não é mais uma menina como eu imaginava.

“Que família estaria por trás dessas ‘meninas’?” Essa é uma pergunta declarada ou sigilosamente formulada. Nesse questionamento, percebe-se a premência da idealização da família “unida” e “harmoniosa”, inversamente proporcional às transformações observadas nessa instituição social.

Os enunciados presentes nas entrevistas procuram justamente evidenciar a presença atuante da família junto a suas “meninas”. Desde o início da entrevista, Ernesto faz questão de pontuar:

24 G. Velho (2003[1985]: 27).

25 A este respeito, ver Simmel (1971); Schutz (1979: 289).

Acompanhava a minha filha direto.

No entanto, é também bastante freqüente a associação dos enunciados como o acima referido às falas imbuídas de uma relativa “culpa”, mais ou menos explicitada. Ernesto se pergunta onde errou; enquanto a mãe de outra jovem é acusada de ter “educado mal”. Subjacente a tais enunciados está a ambigüidade sociológica — anteriormente mencionada — constitutiva do processo de formação do indivíduo: simultaneamente membro de uma família e preparado para o “mundo” (Simmel, 1971: 263). Que fronteiras são determinantes para esse processo? A maneira como Ernesto descreve a educação de Sofia deixa entrever os contornos de um “projeto”<sup>26</sup> para ela.

Você não pode prender o tempo todo [...] Você tem que deixar um espaço [...] que elas tenham namorado [...] que curta ali o cineminha, que vá pro shopping [...] beijo na boca; que até se tiver que fazer sexo, que faça dentro das normas legais, dentro do normal, do natural, [...] Não é ninguém pegar, levar, aliciar [...].

Sofia, 15 anos, morava com o pai e a irmã de 23 anos em uma casa em Vila Valqueire — subúrbio do Rio de Janeiro. Não era, portanto, moradora da Zona Sul, e não se enquadrava no perfil divulgado pela mídia, segundo o qual se tratava de “meninas da Zona Sul” que namoravam traficantes. Na véspera do Natal, fugiu de casa para encontrar o namorado na Fazenda da Bica, em Cascadura, subúrbio do Rio de Janeiro, em uma das entradas para o Morro do Fubá. Segundo a matéria impressa do jornal *Extra*, Sofia “dormia no barraco de uma amiga de 17 anos, na companhia de outros dois rapazes, quando foi surpreendida por policiais militares”.<sup>27</sup> Vangloriando-se, em certa medida, mas ao mesmo tempo convencido de que sua reação faria parte das atribuições de um pai, em diversos momentos da entrevista, Ernesto assinala a importância da atitude de enfrentamento por ele adotada. Antes de a polícia se envolver, ele já havia estado na favela algumas vezes para reunir informações precisas sobre Sofia.

Ernesto e Carmem — irmã de Sofia — perceberam uma nítida mudança de comportamento em Sofia, que se somava a seu desinteresse escolar, sobretudo nos dois meses anteriores a seu desaparecimento. Sofia estudava em Madureira<sup>28</sup> (outro subúrbio do Rio de Janeiro) e, a partir do mês de novembro, começou a faltar às aulas.

Segundo Ernesto, Sofia já estava completamente envolvida, “dominada”, pelo namorado do Morro do Fubá — Quintino, outro subúrbio, mas ele procurava a melhor maneira de abordar a situação. Ele narra essa passagem como uma situação que já se havia configurado de maneira inexorável como a primeira experiência sexual de Sofia.

26 Para a melhor compreensão da noção de “projeto”, ver Gilberto Velho (2004 [1987]: 43).

27 *Jornal Extra*, 27/12/05: 10.

28 Quanto à educação formal de Sofia, Ernesto não menciona qualquer escola ou colégio. Refere-se, isto sim, a ter “pago todo o curso de Madureira”.

Mas a pessoa diz assim: “mas ela foi”. [...] Depois que você domina a cabeça de uma pessoa, ela vai pra onde for e, detalhe: a menina de 15 anos, ela não tem experiência de sexo; ela faz o sexo a primeira vez e acha que é o rei; se fizer até com o mendigo na calçada, ela vai achar que o mendigo é o rei dela.

Para o jornalista do *Extra*, Sofia relata outra versão e manifesta o seu desconforto em permanecer nos limites do “mundinho”<sup>29</sup> constituído pelos laços familiares.

Eu me encontrava com ele na rua, porque não gosto de levar namorado para casa.<sup>30</sup>

Na entrevista com Carmem — irmã de Sofia — observamos uma versão muito próxima daquela apresentada por Ernesto. Contudo, Carmem coloca maior ênfase do que o pai no estranhamento causado por “essa Sofia” que irrompe no início da juventude da irmã — sobretudo por considerar-se co-participante em sua educação.

Eu tomava conta dela [...]; ela passou por coisas que eu jamais vou passar na minha vida [...]. Ela ficava conversando, contando as coisas, eu disse: “não, não é a mesma pessoa, deve ser outra pessoa, deve...” [interrompe] Olha, é muito difícil, é uma situação que você não imagina que ninguém passa. Ela não tinha a noção de perigo. Acha tudo normal [...].

A exposição ao risco “ignorado” perpassa os diversos relatos sobre experiências deste tipo, sendo considerado um comportamento bastante típico da entrada na juventude. Por vezes, o risco é mais dissimulado, preponderando na percepção do jovem a faceta da diversão, na qual a “morte é percebida como perigo longínquo”.<sup>31</sup> Para os familiares, por sua vez, a frequência aos bailes *funk* nas favelas representa uma clara exposição ao risco. Nas narrativas das “meninas” e reportagens publicadas, o baile *funk* parece reunir fragmentos de elementos diversos: ritmo, composições “proibidas” ou temáticas — “lanchinho da madrugada”<sup>32</sup> ou “mina de fé” — homens armados e desarmados, “tchutchucas”, “patricinhas”, entre outros.

Para Ernesto, Sofia afirmou ter conhecido Cássio, do Morro do Fubá, em uma “feirinha” que acontece semanalmente nas ruas próximas à sua casa. Para Carmem, Sofia relata que:

A minha vontade é ir pro baile *funk* no morro [...] Lá [no morro], eu vou escutar a apologia ao crime, vou ver homens armados.

A grande maioria — da mídia e de familiares — atribui a responsabilidade à frequência aos bailes *funk* — sem, contudo, deixar de registrar a afinidade entre as

29 Cf. Myrian Lins de Barros (2006).

30 Jornal *Extra*, 27/12/05: 10.

31 Tal afirmação é tecida por Angelina Peralva (2000: 169), em sua análise sobre o “surfista ferroviário”.

32 Composição do Bonde dos Magrinhos.

drogas e o universo *funk*. Com relação às jovens cujas histórias foram desencadeadas pelo uso de drogas, costuma-se narrar sua passagem pelo mundo do tráfico, atuando ora como “olheiras” (que cuidam da boca-de-fumo no morro),<sup>33</sup> ora fazendo o “estica” (venda de drogas do bando no “asfalto”).<sup>34</sup> Ernesto assegura que Sofia não usou drogas, baseando-se no fato de que o namoro dela com o traficante durou, aparentemente, apenas dois meses.

A mídia e familiares tendem a explicar as histórias das “meninas”, creditando ao “bandido” e às “governantas” do tráfico o “aliciamento” das jovens. A sedução que se inicia no baile *funk*, no qual supostamente há o encontro de corpos femininos despojados em meio à batida *funk*<sup>35</sup> e *corpos masculinos prolongados pelas armas — aparentemente apreciadas pelas “meninas” —, continua na favela.*

A suposta versão dos traficantes — narrada por policiais — contrapõe-se àquelas sustentadas pelos pais das jovens e pela mídia, pois seu interesse pelas “patricinhas” parece ser pouco estável. Os depoimentos de policiais a jornalistas revelam que a presença das jovens de classe média nos bailes ou nos morros acaba por atraí-los às favelas e que tal atração pode ser “fatal” para os bandidos, diante dos prejuízos potencialmente causados às bocas-de-fumo”.<sup>36</sup> A inspetora da Polinter Marina Magessi<sup>37</sup> acompanhou e atuou nesses casos e, em uma comunicação pessoal, ela afirmou-me que “são as mulheres que assediam os bandidos. Eles falam para elas saírem e, dias depois, [elas] já estão de volta”. Magessi afirma ainda que o fascínio das garotas dá-se inicialmente pelos bailes *funk* — já que, nas favelas, o ritmo da moda é considerado mais genuíno. Lá, elas deparam-se com estes bandidos, detentores de grande poder nas localidades. Para a inspetora, “o apelo sexual também é outro, e os homens do chamado asfalto também não estão colaborando. Preferem brigar nas boates a paquerar uma menina”.<sup>38</sup>

À primeira versão dos familiares e da mídia, segue-se outra — sustentada por alguns familiares — que atribui à rede de amigos os vínculos das “meninas” com os supostos traficantes. Ernesto e Carmem consideram que a (má) “influência de amigas” foi a principal responsável pelo início da frequência de Sofia ao Morro do Fubá. Apesar de a filha mentir sobre os lugares que costumava frequentar, o pai acabou descobrindo que ela fazia aulas de lambaeróbica<sup>39</sup> na favela em questão.

33 *O Dia*, 01/05/05: 4.

34 *O Dia*, 20/04/05: 14.

35 A propósito da imagem de uma cidade — Rio de Janeiro — sexualizada, em que o clima e a natureza supostamente atuariam como fatores catalisadores, Heilborn afirma que “evidentemente, nem o espaço físico nem o clima definem a exposição dos corpos. Essa disposição articula-se com características do processo civilizatório brasileiro em que o ‘encobrimento ritualizado do corpo’ (Le Breton, 1995) nas interações sociais que singulariza o padrão clássico (francês) não se realiza aqui de forma plena” (1999: 98-99).

36 *O Dia*, 23/04/05: 10.

37 Marina Magessi foi inspetora da Polinter; em seguida, chefe da Coordenadoria da Inteligência da Polícia Civil, tendo sido eleita deputada federal nas últimas eleições.

38 *O Dia*, 17/04/05: 3.

39 Atividade física que envolve exercícios físicos e dança com inspiração em ritmo musical baiano — o Axé Music.



Praticar lambaeróbica no morro era uma forma de lazer, ou uma atividade esportiva que configurava uma dimensão de escolha dessa jovem, antecipando novos desdobramentos e novas escolhas dentre as inúmeras possibilidades que surgiam para Sofia. Conhecer pessoas com perfis diferenciados e fazer novas amizades havia ampliado o seu campo de possibilidades. Ao mentir para Ernesto, a jovem procurava contornar os impeditivos gerados pelo controle familiar, a fim de levar adiante o seu projeto individual — que trazia os primeiros sinais da afirmação de sua singularidade. Ao confrontar ou ultrapassar “fronteiras simbólicas” — marcadas pela fala enfática de Ernesto: “aqui já é morro” — a jovem experimentava uma “situação de desvio” (G. Velho, 2004 [1987]: 25). Dois aspectos estão envolvidos na decisão de Sofia de esconder do pai suas idas ao Morro: a tensão entre “permanecer”, “ser englobada” — evitando conflitos com Ernesto — e “mudar”, decidindo, fazendo escolhas no interior de um campo de possibilidades, individualizando-se. Ao escolher permanecer no Morro do Fubá, Sofia transitava entre diferentes “províncias de significados” e, parafraseando Gilberto Velho, era agora capaz de passar do mundo da família ao mundo construído pelas novas relações afetivas e de amizade.<sup>40</sup>

Para as “meninas”, suas histórias eram tecidas por lembranças agradáveis. “Adoro a vida no morro”,<sup>41</sup> foi o relato de uma jovem que fugiu de casa para ir a um baile do Turano, lá permanecendo por cerca de quinze dias. Carmem relatou-me o que Sofia comentou sobre o modo como havia sido tratada por seu namorado:

Ele nunca me fez mal [...], nunca encostou a mão em mim, nunca levantou a voz pra mim [...] Dizia que [eu] era uma princesa.

O desfecho da história de Sofia deu-se na delegacia, após o flagrante dado na jovem e em seu namorado em um barraco no Morro onde moravam. Ernesto descreve a cena que se passa ali, entre ele, Sofia e a esposa de Cássio, namorado da filha. Nessa ocasião, Sofia rejeita o apoio familiar e parte em defesa do namorado. Em casa, Sofia posteriormente afirma que teria se comportado daquela maneira em função da presença de várias pessoas do Morro na delegacia. De todo modo, a partir do relato dessa situação, evidenciam-se os distintos modos de apresentação da jovem, segundo os contextos de atuação. Ao passar de uma “esfera de significados para outra”, Sofia acionava “aspectos diferentes de sua experiência e personalidade” (G. Velho, 2003 [1994]: 69).

Carmem enfatiza que a irmã e outras “meninas” — algumas do “asfalto”, outras do “morro” — que namoraram “rapazes” com o perfil semelhante ao de Cássio vivenciaram e presenciaram situações que ela própria, provavelmente, jamais viverá. Sofia descreveu à irmã momentos em que todas essas jovens ficavam conversando “numa escada”, passando a impressão de um convívio que se consolidava com o compartilhar de uma experiência comum. Juntas, as amigas também presenciaram a cena que relato a seguir:

40 Cf. G. Velho (2003 [1994]: 27).

41 *O Dia*, 16/04/05: 3.

[...] Era um dia normal. Estavam conversando, não era muito tarde, por volta das oito horas da noite [...]. Tinha um rapaz andando lá embaixo, ele andava e olhava pro morro e pros meninos. Ela me contou que o namorado dela, ele não aparecia [...]. Como ele era o gerente, [...] não saía da casa. Ela contou que esses garotos mandaram fazer alguma coisa [...] Dali a pouco, esses rapazes pegaram o cara: [...] “você é alemão do morro?” [...] “Não, não que é isso? Eu sou daqui do morro, não sou alemão não”. “Então, o que você tá fazendo olhando pra cá, pro morro?” [...] Eles pegaram o garoto, [...] tinha duas casas, uma pra fazer algumas coisas [...]. Colocaram ele nessa casa e mandaram as meninas saírem da escada e irem lá pra dentro [...] pra todo mundo [entrar nessa casa] a casa aberta. Os garotos amarraram o rapaz [...] “Você é da onde?” “Não, não sou daqui, não. Não estou fazendo nada [...]”. O fulano de tal gosta de matar as pessoas, mas ele gosta de matar — de uma forma que [...], ele gosta de massacrar. “Qual é o seu nome?” [...] Ele não respondeu, aí ele cortou a orelha dele na frente de todo mundo [...]. Sofia falou: “Eu nunca vi tanto sangue na minha vida como eu vi naquele dia. A porta da casa aberta, e as crianças na porta ficavam olhando com a maior naturalidade, como se nada tivesse acontecendo, como se eles tivessem brincando”. Ela se espantou porque as crianças ficavam olhando, aí ele continuou fazendo perguntas pro rapaz e ele respondendo. [...] Cortou a outra orelha [...], o nariz; aí ela falou que ele tirou a faca e tirou os dois olhos dele”.<sup>42</sup>

Tive dificuldades em reproduzir este relato. Carmem detalhou ainda mais a cena, detalhes que decidi não repassar para o texto. Como analisar a cena em que “o olho que vê tem que ser retirado”? Retomar a fala de Carmem me proporciona elementos para interpretar a maneira pela qual os vínculos familiares se reorganizariam após a vivência familiar desse “drama social”. O que mais causava espanto em Carmem era imaginar a irmã assistindo a tudo aquilo com “naturalidade”.

Não é que eu vi com naturalidade, eles não deixavam a gente sair.

Os “rapazes” que efetivamente levavam a cabo a ação pediram autorização ao namorado de Sofia. Carmem relata a atração que esse “poder” exercia sobre sua irmã, reportando-nos à fala de Cláudia,<sup>43</sup> nas primeiras entrevistas, em que ela dizia que o “cara não é nada, o maior pobre... Mas, no morro...”.<sup>44</sup> No depoimento abaixo, Carmem nos revela como Sofia considerava o seu namorado.

O namorado dela, ele não fazia essas coisas. Ele não matava, não roubava, ele só mandava. Isso pra ela, ela se sentia: Tô namorando um mandante, ele não faz nada, ele só ordena, ele fica na dele. Ele não se suja, não mata, não rouba. Ele fica na casa dele, pegando o dinheiro, e pronto [...] Eu tô namorando o dono, isso pra mim é muito gratificante. Eu tô me sentindo a rainha, a primeira dama.

42 Sobre o termo “alemão”, ver Hermano Vianna (1997: 7).

43 Entrevista apresentada na primeira seção do artigo.

44 Refiro-me às entrevistas apresentadas na primeira seção deste artigo.

Aos poucos, Sofia começava a conhecer alguns dos códigos que organizavam o cotidiano no Morro do Fubá.

[...] O cara lá falou pra ela: “aqui, a mulher que cria problema pra gente, a gente raspa a cabeça e pronto. Não pode criar problema... [risos de Ernesto].<sup>45</sup>

Raspar a cabeça, além de enfeiar, marca e publiciza o ato, remetendo à idéia que perpassa todo este estudo: o ato publicizado torna-se alvo de acusações e de estigmatização (Malinowski, 2003: 64).

Após a conversa com Ernesto e Carmem, agendei uma possível entrevista com Sofia. De qualquer modo, Ernesto me pedia para aguardar um pouco para que sua filha tivesse tempo para se recuperar da experiência traumática. No entanto, em contato telefônico com a jovem, escutei sua recusa peremptória: definitivamente, ela não queria falar sobre o assunto.

### Considerações finais

“Desejo”, “paixão”, “amor”; atração pelo perigo, pela aventura, pelo “exótico”. Estas, dentre outras expressões, revelam-se propulsoras das manifestações de individualidade das “meninas”. Ao vivenciarem novas experiências ou ultrapassarem limites, as jovens aqui estudadas efetuaram escolhas no interior do campo de possibilidades em que se movem — em contraposição às imagens que delas se faz: ora como desviantes, ora vitimizadas.

Reconhecer ou não o namorado como um bandido integrou várias das experiências das “meninas”, mas sempre de maneira um tanto ambígua. Quando há envolvimento emocional, “o mendigo” se transforma em “rei,” tal como nos disse Ernesto. As “meninas”, por sua vez, transformam-se em “princesas”, como sugerem as falas de Paola e Sofia, além de inúmeros outros depoimentos colhidos aqui e ali. É preciso atentar, no entanto, para o fato de que a incerteza quanto ao envolvimento ou não com o tráfico revelasse um primeiro “condimento” de uma experiência posteriormente definida como uma grande aventura. Para a conselheira Tânia, do Conselho Tutelar da Zona Sul,<sup>46</sup> “algumas pessoas fazem *bungee-jump*<sup>47</sup> à procura de adrenalina; outras gostam de subir o morro”.

Por outro lado, os relatos mostram que as experiências vivenciadas pelas “meninas” tinham de “exótico” somente o suficiente para despertar seu interesse

45 Na entrevista, Ernesto não esclarece que situações seriam percebidas como “criadoras de problemas”.

46 A fim de pesquisar a participação do CT no atendimento às famílias envolvidas nos eventos em questão, incluí visitas regulares a esta instituição na rotina do trabalho de campo. Intrigava-me a veracidade da informação que circulava, anunciando que o CT da Zona Sul - Rio de Janeiro teria se ocupado de mil casos de “meninas” de classe média que se envolveram com traficantes.

47 Termo cunhado em 1990 que consiste em um “salto no vazio praticado de lugares altos (p. ex., uma ponte), com o saltador amarrado pelos pés numa corda elástica que o impede de se chocar contra o chão” (Dicionário Eletrônico Houaiss 1. 0, 2001).

— depois tudo se tornava “normal”. A existência de mil casos deste tipo — tal como veiculava uma matéria impressa — parece, de fato, um dado exagerado. Mas também não foram tão poucos assim. No transcorrer deste estudo, notícias aqui e ali, ou amigas que conheciam ou se lembravam de um caso similar, atualizavam-me dos novos acontecimentos.

Devo ressaltar, no entanto, que ficar a par de novas histórias não se converteu, necessariamente, na realização de novas entrevistas. Cenas violentas, jovens namorando traficantes — ou até participando, em algum nível, do tráfico de drogas — e famílias “estranhando aquela que voltava ao lar”<sup>48</sup> imprimiam nas histórias um lado misterioso e de difícil acesso. Vivia-se um verdadeiro “drama social”<sup>49</sup> encenado na ruptura das jovens com os valores e “projetos”<sup>50</sup> para elas transmitidos e idealizados por seus pais.

Sendo assim, as famílias que não queriam mais falar sobre o assunto faziam-no para preservar as jovens do estigma que inexoravelmente acompanha tal tipo de experiência. Ou ainda, já que agora “ela voltara ao normal”, havia o temor de que o simples fato de reviver a história pudesse “levá-la de volta para o mau caminho”. As famílias que aceitaram conceder-me uma entrevista esperavam contribuir com suas denúncias mas, sobretudo, buscavam nos meus dados empíricos respostas para suas próprias experiências traumáticas.

Sobre a mídia impressa, destaquei que o “Dossiê amor bandido” apresenta relativa circularidade em suas reportagens, no sentido atribuído por Sánchez-Jankovski:<sup>51</sup> várias versões em torno do mesmo tema. Tais matérias impressas frequentemente enfatizavam a distância social, ao procurarem uniformizar todas as “meninas” na categoria “jovens moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro” — colocação que não se sustenta, como nos mostra o exemplo de Sofia, uma jovem moradora do subúrbio do Rio de Janeiro. E ainda que o local de moradia fosse, de fato, um bairro da Zona Sul — como encontrei registrado nos arquivos do Conselho Tutelar da Zona Sul — outros dados deixavam entrever tratar-se de “meninas” cujas famílias de origem situavam-se na fronteira com as camadas populares. O fato é que as histórias não aconteciam somente com jovens de elite.

Antes de finalizar, chamo a atenção para a categoria “namorada de fé”. Categoria ambígua, plástica e, em virtude dessas características, considero importante esclarecer e sintetizar as principais observações sobre o significado do termo apreendidas ao longo do estudo que originou este artigo.

Essa denominação me foi dada a conhecer através das entrevistas de Paola e Cláudia, na primeira seção deste artigo. Essas entrevistadas tinham amigas que freqüentavam os bailes *funk* na(s) favela(s) e aí mantinham relacionamentos afetivos-sexuais e eram denominadas pelo traficante como “namorada de fé”. Segundo Paola e Cláudia, a “namorada de fé” refere-se a uma jovem de classe média,

48 Refiro-me ao texto de Schutz, “Aquele que retorna ao lar” (1979: 289-307). Ver, também, Simmel, “The stranger” (1971).

49 Turner (1974).

50 G. Velho, (2003 [1994]: 101).

51 Sánchez-Jankovski (1994: 105).

moradora de um bairro da Zona Sul que, em virtude da hora marcada para chegar à casa dos pais, tem prioridade no “encontro” com o traficante. É ele quem a denomina “namorada de fé”. A partir do momento em que tomei conhecimento dessa categoria, iniciei a busca pelas namoradas de fé, como essas primeiras entrevistadas compreendiam o termo. Paola e Cláudia se autodenominavam “meninas” que, por sua vez, eram as outras jovens de classe média — também moradoras da Zona Sul — que “ficavam” com os traficantes. Elas ainda mencionaram que eram denominadas pelo traficante como “branquinhas”. Ou seja, busquei investigar as histórias de envolvimento entre as jovens de classe média — “namoradas de fé”, “branquinhas”, “meninas” — e rapazes moradores de favela — traficantes ou não — divulgadas pela imprensa sob o rótulo “amor bandido”.

No entanto, no transcorrer do estudo, deparo-me com a letra de uma música *funk* que menciona a categoria “namorada de fé”. Mas, aqui, a letra da música retrata a “namorada de fé”, uma moradora da favela, envolvida afetiva e sexualmente com o traficante, que se opõe àquela denominada “lanchinho da madrugada”, que pode ser ou não moradora da favela e que configura uma relação efêmera. O que considero importante destacar é o fato de que a categoria “namorada de fé” não é empregada exclusivamente às jovens brancas de classe média, moradoras da Zona Sul. Conjeturo ainda se a vinculação da categoria “namorada de fé” à jovem branca de classe média, moradora da Zona Sul, tal como foi inicialmente apresentada pelas primeiras entrevistadas, não estaria traduzindo um preconceito que parte da premissa de que o jovem negro morador da favela se interessa, sobretudo, pelas relações afetivo-sexuais com as jovens brancas.

Assim, verifiquei que a categoria “namorada de fé”, cuja definição foi-me apresentada por Paola e Cláudia — as primeiras entrevistadas — não significa somente o que elas mencionavam sobre o termo. De fato, não tenho dados para definir precisamente essa categoria. Evidentemente, a dimensão da violência em que se inseriu o tema em estudo não facilitou o acesso à perspectiva masculina. Não entrevistei os jovens moradores das favelas — traficantes ou não —, supostos detentores do poder lingüístico e social para enunciar e categorizar tal termo. Assinalo ainda que o aspecto em torno da hora marcada para chegar à casa, como um critério de nomeação da “namorada de fé”, tal como é descrito pelas primeiras entrevistadas, pode parecer uma justificativa de ordem prática. Mas, ao reunir as duas definições sobre o termo — a definição das primeiras entrevistadas e aquela encontrada na letra de uma música *funk* —, posso afirmar que, para esse universo masculino constituído por jovens traficantes moradores das favelas, trata-se de uma categoria de valorização do gênero feminino que atravessa fronteiras étnicas e sociais.

Afirmo — anteriormente — que as histórias das “meninas” têm diversos níveis de complexidade. Neste trabalho analisei somente algumas dentre as várias dimensões existentes, persistem para futuras pesquisas diversas questões. Nesta pesquisa, infelizmente, não me foi possível entrevistar nenhuma “namorada de fé” de classe média, embora algumas “meninas” tenham-me informado da sua existência. Não fora o tempo limitado para o desenvolvimento do estudo, e continuaria minha busca incansável...

### Referências bibliográficas

- Cecchetto, F. R. (1999), "Galerias funk cariocas: os bailes e a constituição do *ethos* guerreiro", em A. Zaluar e M. Alvito (orgs.), *Um Século de Favela*, Rio de Janeiro, Editora FGV.
- Cecchetto, F. R. (2004), *Violência e Estilos de Masculinidade*, Rio de Janeiro, Editora FGV.
- Crapanzano, V. (2002), "Estilos de interpretação e a retórica de categorias sociais", em Y. Maggie e C. B. Rezende (orgs.), *Raça como Retórica: A Construção da Diferença*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 441-458.
- Elias, N., e E. Dunning (1992), *A Busca da Excitação*, Lisboa, Difel.
- Goffman, E. (1975), *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Petrópolis, Editora Vozes Ltda.
- Heilborn, M. L. (1999), "Corpos na cidade: sedução e sexualidade", em G. Velho (org.), *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Houaiss, A. (2001), *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva (CDROM).
- Lins de Barros, M. M. (2006), "Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas", em M. Lins de Barros (org.), *Família e Gerações*, Rio de Janeiro, Editora FGV.
- Malinowski, B. (2003), *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*, Brasília, Ed. UNB; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.
- Medeiros, J. (2006), *Funk Carioca: Crime ou Cultura?*, São Paulo, Editora Terceiro Nome.
- Moutinho, L. (2004), *Razão, "Cor" e Desejo*, São Paulo, Editora Unesp.
- Peralva, A. (2000), *Violência e Democracia: O Paradoxo Brasileiro*, São Paulo, Paz e Terra.
- Pereira, C. S. (2003), *Patricinhas da Zona Sul: Um Estudo Sobre Adolescência nas Camadas Médias Cariocas* (dissertação de mestrado), Rio de Janeiro, IFCS/ UFRJ.
- Piccolo, F. D. (2007), "Os jovens entre o morro e a rua: reflexões a partir do baile funk", em G. Velho (org.), *Rio de Janeiro: Cultura, Política e Conflito*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Sánchez-Jankovski, M. (1994), "Les gangs et la presse: la production d'un mythe national", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 101/102, pp. 101-117.
- Schutz, A. (1979), *Fenomenologia e Relações Sociais*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Silveira, L. M. B. (2007), *Em Busca das Namoradas de Fé* (dissertação de mestrado), Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ.
- Simmel, G. (1906), "The sociology of secrecy and of secret societies", *The American Journal of Sociology*, XI (4), pp. 441-498.
- Simmel, G. (1971), *On Individuality and Social Forms*, Chicago, University of Chicago Press.
- Souto, J. (1997), "Os outros lados do funk carioca", em H. Vianna (org.), *Galerias Cariocas: Territórios de Conflitos e Encontros Culturais*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ/FGV.
- Torres, A. (2004), "Amor e ciências sociais", *Travessias: Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, 4/5, pp. 15-45.
- Turner, V. (1974), *Dramas, Fields and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*, Londres, Cornell University Press.
- Velho, G., e M. Alvito (1996), *Cidadania e Violência*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ/FGV.
- Velho, G. (2002), *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*, Rio de Janeiro, Zahar Editora.

- Velho, G. (2003 [1985]), "O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social", em G. Velho (org.), *Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social*, Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- Velho, G. (2003 [1994]), *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- Velho, G. (2004 [1987]), *Individualismo e Cultura*, Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- Vianna, H. (1988), *O Mundo Funk Carioca*, Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- Vianna, H. (1997), *Galeras Cariocas: Territórios de Conflitos e Encontros Culturais*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

### Matérias publicadas em jornais

- Antunes, L. (2005), "Amores bandidos na vida de 20 jovens cariocas", jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 Abril 2005, p. 21.
- Brasil, M. (2005), "A casa da triagem do crime", jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, , 20 Abril 2005, p. 14.
- Fortuna, R. (2005), "Atração fatal", jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 17 Abril 2005, p. 3.
- Fortuna, R. (2005), "Paixão antiga por um pitboy", jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 23 Abril 2005, p. 10.
- Fortuna, R. (2005), "Sobre a corda bamba", jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 1 Maio 2005, p. 4.
- Lages, C., e R. Fortuna (2005), "Amor bandido: caso secreto com traficante", jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 24 Abril 2005, p. 3.
- Lages, C. R. Fortuna e M. Saigg (2005), "Amor bandido: funk, drogas e sexo na favela", jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 19 Abril 2005, p. 3.
- Saigg, M. (2005), "Sob a falsa proteção do tráfico", jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 16 Abril 2005, p. 3.
- Werlang, F., e P. Alves (2005), "Polícia sobe morros atrás de jovens aliciadas", jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 Abril 2005, p. 34.
- (2005), "Adolescente é resgatada em favela", jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 27 Dezembro 2005, p. 10.
- (2005) "Patricinha passa Natal no Fubá", jornal *Meia Hora*, Rio de Janeiro, 27 Dezembro 2005, p. 7.
- (2006) "Ricos, bonitos, educados, mas traficantes", jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 2 Fevereiro 2006, p. 16.

Liane Maria Braga da Silveira. Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli-ENSP/Fiocruz e doutoranda em antropologia social pelo programa de pós-graduação em antropologia social do Museu Nacional - UFRJ.  
E-mail: liane@ensp.fiocruz.br

**Resumo/ abstract/ résumé/ resumen***Em busca das namoradas de fé*

Este artigo tem como foco relações entre jovens de gêneros e classes sociais distintos, inscrevendo-se em uma área de estudos representativa da antropologia urbana brasileira. Partindo de histórias de envolvimento emocional entre jovens de classe média e rapazes moradores de favela — traficantes ou não —, divulgadas pela imprensa sob o rótulo “amor bandido”, realizei um trabalho de campo cujo itinerário era imposto pela busca das “namoradas de fé”. Privilegiou-se a análise das entrevistas realizadas com jovens e familiares que vivenciaram tais experiências, no intuito de tentar compreender a lógica subjacente a essas histórias, que narram diferentes representações da distância social.

Palavras-chave juventude, gênero, cidade, violência.

*In search of the trusty girlfriends*

This article focuses on the relationship among young people from different social classes and life's styles, reaching a field of study which represents the Brazilian urban anthropology. Beginning with emotional involvement stories between middle class young women and young men living in slums, — drugs traffickers or not —, made public and labeled by the press as “bandit love”, I have engaged in a diversified field work, which the itinerary was imposed by the search of the “trusty girlfriends”. With the purpose of understanding the logic implied by these stories, which show different pictures of the difference between social classes, the focus of the present article is the interviews with young people who lived this kind of experience, as well as with their families.

Key-words youth, gender, city, violence.

*À la recherche des vraies amoureuses*

Cet article aborde les relations entre les jeunes de genres et de classes sociales différents. Il s'inscrit dans un domaine d'études représentatif de l'anthropologie urbaine brésilienne. En partant d'histoires de relations amoureuses entre filles de la classe moyenne et garçons des bidonvilles — trafiquants ou non —, divulguées dans la presse sous le nom d' “amour voyou”, j'ai réalisé un travail de terrain à la recherche de ces jeunes filles dites “vraies amoureuses”. Ce travail privilégie l'analyse des entretiens réalisés avec des jeunes qui ont vécu de telles expériences et leurs familles, dans le but de comprendre la logique sous-jacente à ces histoires, qui renvoient à différentes représentations de la distance sociale.

Mots-clés jeunesse, genre, ville, violence.



*En búsqueda de las novias de la fe*

Este artículo enfoca las relaciones entre jóvenes de géneros y clases sociales distintas, circunscribiéndose en un área de estudios representativa de la antropología urbana brasileña. Partiendo de historias de involucramiento emocional entre chicas de clase media y chicos pertenecientes a favelas — traficantes o no —, divulgadas por la prensa bajo el rótulo “amor bandido”, realicé un trabajo de campo cuyo itinerario era trazado por la búsqueda de las “novias de la fe”. Se priorizó el análisis de las entrevistas realizadas con jóvenes y familiares que vivieron tales experiencias, con la intención de intentar comprender la lógica subyacente a esas historias, que narran diferentes representaciones de la distancia social.

Palabras-llave juventud, género, ciudad, violencia.

